



Carolina Maria de Jesus e a escrita apesar da ausência de “um teto todo seu”

Carolina Maria de Jesus and writing despite the absence of “a room of one's own”

Twyne Soares Ramos¹

Resumo: Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, ensaio de 1928, sobre o tema “Mulheres e a ficção”, afirma que uma mulher precisa ter um espaço próprio e dinheiro caso queira escrever literatura. Cerca de trinta anos depois, em 1960, a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, negra, pobre, mãe solo, moradora da favela paulista do Canindé e catadora de materiais recicláveis, transcendeu os requisitos elencados por Woolf para escrever e publicar, e lançou a obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, em que narra as agruras de um cotidiano cingido pela extrema pobreza. Ademais, sua subalternidade desafiou a ausência de condições para além das apresentadas por Woolf, já que Carolina era uma mulher negra e que sua dedicação à leitura e à escrita era rechaçada dentro e fora da favela. Desse modo, partindo do argumento de Woolf sobre a produção literária de mulheres, este artigo pretende discorrer a respeito das restrições, de diferentes ordens, transpostas pela escrita de Carolina em *Quarto de despejo*, bem como sobre seu projeto de vida ancorado na escrita e na publicação de um livro.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; Virginia Woolf; *Um teto todo seu*; Escrita.

Abstract: Virginia Woolf, in *A Room of One's Own*, 1928 essay on the theme of “Women and fiction”, affirms that a woman needs to have her own space and money if she wants to write literature. About thirty years later, in 1960, the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, black, poor, solo mother, resident of Canindé shantytown in São Paulo and recyclable materials collector, transcended the requirements listed by Woolf to write and publish, launching the work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*, in which she depicts the hardships of a daily life surrounded by extreme poverty. Furthermore, her subalternity challenged the absence of conditions beyond those presented by Woolf, since Carolina was a black woman and her dedication to reading and writing was rejected inside and outside the shantytown. Thus, based on Woolf's argument about the literary production of women, this article intends to discuss the restrictions, of different orders, carried out by Carolina's writing in *Child of the Dark*, as well as her life project anchored in writing and publishing a book.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; *Child of the Dark*; Virginia Woolf; *A room of one's own*; Writing.

“... A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido”.

(Carolina Maria de Jesus)

Os tetos de Virginia e de Carolina

Em 1928, a escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941) foi convidada a palestrar sobre o tema “As mulheres e a ficção” nas faculdades inglesas exclusivamente para mulheres Newnham College e Girton College. Posteriormente, em 1929, as palestras deram forma ao ensaio *Um teto todo seu*, no qual Woolf examina as condições sociais da mulher em uma sociedade patriarcal. No texto, a escritora analisa em que medida a tradição patriarcal e a falta de recursos financeiros desencorajavam as mulheres à escrita de ficção; reflete também a

¹ Doutoranda em Letras (UFRGS). Mestre em História da Literatura (FURG).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

respeito das condições necessárias para que uma mulher pudesse produzir literatura: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p.12).

Cerca de trinta anos depois da publicação do ensaio, uma brasileira transcendeu os requisitos elencados pela autora inglesa para escrever e publicar: Carolina Maria de Jesus (1914-1977), pobre, negra, moradora da favela paulista do Canindé, mãe solo, catadora de materiais recicláveis e escritora. Sua existência foi profundamente cingida pela fome e pela miséria social e econômica, experiências compartilhadas na obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, publicada em 1960, que reúne seus diários na favela, redigidos na segunda metade da década de 1950, em cadernos encontrados no lixo.

O teto que impedia que Carolina e seus filhos vivessem ao relento não era “todo seu”, já que ela não se reconhecia na miséria dele: “cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer que cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão.” (JESUS, 2019, p. 47). A falta de uma morada mais digna e a carência de itens básicos de sobrevivência, como comida e sabão, entretanto, foram apenas algumas das dificuldades interpostas entre Carolina e sua escrita.

A escritora de *Quarto de despejo* estudou até a segunda série do ensino fundamental e, apesar da precária escolaridade e de seu contexto socioeconômico, a fascinação por leitura e escrita permitiu-lhe não apenas escrever, como também sonhar em publicar seus textos. Por meio da arte, almejava transcender sua condição socioeconômica e abandonar a necessidade de fazer da fome uma das personagens principais de seus textos: “é que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (JESUS, 2019, p. 27).

De acordo com a professora e pesquisadora de literatura Luciana Paiva Coronel, no artigo “Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus”, “enfrentando restrições sociais, políticas e culturais, Carolina teima e fala.” (2011, p. 67). A subalternidade da escritora desafiou a ausência de requisitos para além dos elencados por Woolf para a escrita feminina, pois, ademais de viver sob um teto precário, situado em uma favela sentida por ela como um “inferno” (JESUS, 2019, p. 15), da falta de dinheiro, da fome premente e de sua escassa formação escolar, ela era negra.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Sueli Carneiro, filósofa e diretora do Instituto Geledés, no artigo “Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro”, afirma que, em 1980, os avanços conquistados pelas mulheres quanto ao mercado de trabalho brasileiro não abarcaram significativamente mulheres negras. Desse modo, se, em época posterior à morte de Carolina, mulheres negras ainda ocupavam posições mais subalternas que brancas na estrutura de trabalho do país, entende-se que a etnia da moradora da comunidade do Canindé dificultava ainda mais sua sobrevivência e, conseqüentemente, a escrita e a publicação de seus textos. Além disso, não havia lugar para a Carolina-escritora nem dentro e nem fora da favela, já que seus pares do Canindé também a hostilizavam e zombavam de sua dedicação à leitura e à escrita, o que configurava mais uma das dificuldades impostas à criação.

Neste sentido, este artigo pretende, tomando como ponto de partida o argumento de Virginia Woolf em *Um teto todo seu* a respeito da produção literária de mulheres, discorrer acerca das restrições, de diferentes ordens, transpostas pela escrita de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo*, bem como sobre seu projeto de vida e de ascensão social calcado na escrita e a na publicação de um livro. Estudos de Luciana Paiva Coronel e de José Carlos Sebe Bom Meihy sobre a obra de Carolina, assim como textos presentes na obra *Dicionário da escravidão e liberdade*, organizada por Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes, sustentarão teoricamente este trabalho.

“E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?”

A frase que intitula este subcapítulo é de Carolina Maria de Jesus e demonstra a contemplação genuína da moradora do Canindé diante da comida tão arduamente obtida para si e para os filhos. As restrições de ordem material enfrentadas por ela constituem parte das adversidades suplantadas por sua escrita. “Quarto de despejo”, título de sua obra, refere-se ao próprio espaço onde a autora residia e foi concebido seu texto: “... As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. [...] E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 2018, p. 37). A residência de Carolina não era diferente do contexto onde estava inserida: “...Voltei para o meu barraco imundo. Olhava o meu barraco



envelhecido. As tabuas negras e podres. Pensei: está igual a minha vida!” (JESUS, 2018, p. 175).

De acordo com Luciana Coronel, no artigo “Da margem para o centro: a representação do negro em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”, o título do livro “[...] é a imagem síntese que a autora constrói para representar a sensação de viver em um local onde se jogam homens e lixo, que lá se confundem, coisas imprestáveis que a cidade deixa de lado.” (2010, n.p). Dessa forma, se bem Carolina vivesse sob um teto, ele era, como demonstram os fragmentos, insalubre, e estava certamente muito distante do que Virginia Woolf elencava como uma das condições ideais para que uma mulher pudesse escrever.

As agruras advindas da precariedade do lugar onde residia Carolina eram tão pungentes, que a assolavam até mesmo enquanto dormia:

Passsei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. [...] Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. (JESUS, 2018, p. 39)

A “realidade amarga” que enfrentava foi a mesma que lhe impulsionou a exercer sua voz por meio da palavra escrita e a registrar e recriar a vida na favela em seu diário, já que, segundo ela, quando não tinha o que comer, no lugar de xingar, escrevia (JESUS, 2018, p. 195).

Com relação a Carolina e a escrita de seu diário, cabe pontuar que não se trata, aqui, de romantizar a pobreza material extrema vivida pela autora enquanto desencadeadora e propulsora de sua criação literária. Nesse sentido, é importante considerar que esse artigo não compreende a literatura na vida da escritora como solução ou resgate, posto que não substituía teto, alimento ou sabão, mas como possibilidade de resistência e de percurso de vida – que foi, como se procura demonstrar, adverso.

Nessa medida, os esforços de trabalho de Carolina cobriam, muito escassamente, apenas sua sobrevivência e a de seus três filhos, por isso, por mais que se empenhasse, não conseguia alterar a realidade socioeconômica que tanto lamentava ter de enfrentar. Dela fez, então, matéria prima de sua produção diarística: “cheguei em casa, aliás no meu barracão,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.” (JESUS, 2018, p. 12).

Entretanto, se, como a própria autora afirmou, permanecia na rua o dia inteiro e estava “sempre em falta”, naturalmente, não dispunha de “Tempo, dinheiro e ócio”, condições essenciais para produzir, segundo Woolf (2014, p. 134). Ainda assim, Carolina desafiava seu contexto socioeconômico e escrevia. Catava papel, ferro e o que mais encontrasse pela rua durante o dia para alimentar a si e à família e, sempre que possível, às vezes durante a madrugada, fazia questão de escrever. De acordo com Coronel (2011, p. 66), “a experiência da privação material não impede a autora de sentir necessidades imateriais, que a levam a cultivar-se por meio do hábito de ler, de escutar os dramas do rádio...” e de escrever. Carolina equilibrava-se, diariamente, entre a escassez e a falta, e buscava elaborá-las por meio do discurso.

Suas condições de produção, como se observa, estavam completamente à margem do que idealizava Woolf: “Procurei um lugar para eu escrever socegada. Mas aqui na favela não tem estes lugares. No sol eu sentia calor. Na sombra eu sentia frio. Eu estava girando com os cadernos na mão quando ouvi vozes alteradas. Fui ver o que era, percebi que era briga.” (JESUS, 2018, p. 101). A escrita de Carolina dividia espaço não apenas com a miséria, como também com a violência de seu meio.

Além disso, segundo Woolf (2014, p. 147), ter um teto não bastaria; idealmente, seria preciso poder gozar do privilégio de “um aposento com tranca na porta”, pois “uma fechadura na porta significa o poder de pensar por si mesma...”. Carolina, que vivia em um espaço muito pequeno, cujas tábuas estavam podres e que, em decorrência dos papelões que o cobriam, alagava quando chovia, estava muito distante de ter a privacidade desejada para que pudesse “pensar por si mesma”. Sua escrita não podia escolher espaço e horário ideais.

Dessa maneira, há também que se considerar que o “teto” mencionado por Woolf não diz respeito apenas a um espaço físico. Quando ela afirmou, diante de sua plateia feminina, que uma mulher precisaria ter um espaço próprio e recursos financeiros se quisesse escrever ficção, não se referia apenas a condições materiais, mas, para além disso, também equacionava requisitos necessários ao processo criativo que subjazem à materialidade:



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. [...] As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio.” (WOOLF, 2014, p. 151).

O dinheiro e o espaço próprio, nessa medida, abarcam mais do que condições materiais, e embora Carolina não dispusesse de nenhum dos requisitos assinalados por Woolf, insistia em fabular e inventar outras existências para si mesma:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (JESUS, 2018, p. 58)

Quem considerava que chegar em casa era como chegar no “inferno” (JESUS, 2018, p. 15) não poderia gozar de liberdade intelectual. No entanto, ainda que a liberdade de Carolina esbarrasse na precariedade das condições mais básicas de sobrevivência, a “fantasia” e a escrita serviam como refúgio momentâneo do espaço físico que tanto almejava abandonar, além de funcionar como um “[...] verdadeiro mecanismo de criação de um plano imaginário de liberdade” (CORONEL, 2014, p. 274).

Além do teto, ter uma boa condição financeira foi outro requisito fundamental eleito por Woolf para que uma mulher pudesse escrever ficção. No que tange à realidade de Carolina, a escassez – e, em certos dias, até mesmo a falta – de dinheiro era mais um fator limitante à sobrevivência e, conseqüentemente, à escrita. Como a moradora do Canindé vivia do que encontrava na rua e vendia, lutava diariamente por sua sobrevivência e de seus filhos: “será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?” (JESUS, 2018, p. 46)

Como se observa, o texto de *Quarto de despejo* é atravessado pela fome, que figura insistente e quase que diariamente em sua narrativa, fazendo Carolina pensar até mesmo em deixar de viver: “como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome.” (JESUS, 2018, p. 99).

Segundo Woolf (cf. 2014, p. 150), recursos financeiros, assim como o espaço físico, tampouco estariam ligados apenas a questões materiais. Ter um espaço privado e certa quantia



de dinheiro permitiria que uma mulher tivesse liberdade e pudesse usufruir do “poder da contemplação” (WOOLF, 2014, p. 150), condições necessárias à escrita. Carolina, apesar da carência material, contemplava: “parei para concertar o saco que deslisava da minha cabeça. Contemplei a paisagem. Vi as flores roxas. A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos.” (JESUS, 2018, p. 141). Assim, a autora parece ter subvertido a lógica pensada por Woolf, no sentido de que não dispunha de um teto e de uma quantia que lhe possibilitassem escrever mais livremente; escrevia para possivelmente alcançar uma condição financeira que lhe possibilitasse conquistar seu tão almejado “teto de alvenaria”.

“Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.”

A frase anterior, que Carolina escutou de Seu João, provavelmente seu vizinho, aponta para mais uma das adversidades enfrentadas pela moradora do Canindé com relação à escrita e à publicação de seu primeiro livro. A afirmação do homem sintetiza uma mirada social incapaz de conceber a relação entre uma pessoa negra (e pobre) e a cultura letrada. Ao responder o comentário, além de declarar, em palavras, o que sua ação já havia sugerido, Carolina ratifica a importância das letras em sua vida: “todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.” (JESUS, 2018, p. 26).

Na introdução da obra *Dicionário da escravidão e liberdade*, seus organizadores, Lília Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes, afirmam que a escravidão deixou fortes marcas na sociedade brasileira:

Depois de 130 anos da extinção da escravidão, existem, porém, permanências fortes e teimosas na sociedade brasileira. O racismo continua estrutural no país, e continua inscrito no presente, de forma que não é possível apenas culpar a história ou o passado. A violência e a desigualdade têm na raça um fator a mais, com as pesquisas mais contemporâneas mostrando como negros morrem antes, estudam menos, têm menos acesso ao mercado de trabalho, contam com menos anos de educação, sofrem com mais atos de sexismo, possuem acesso mais restrito a sistemas de moradia e acompanhamento médico. Por fim, o trabalho escravo, mesmo que informal, está longe de se encontrar extinto no país. Não se escapa ao fato de ter sido a última nação a abolir a escravidão mercantil sem guardar marcas fortes e consolidadas, observadas facilmente nos dias de hoje. (GOMES; SCHWARCZ, 2018, n.p.).

“O presente” das “permanências fortes e teimosas” reportado pela citação anterior data de 2017, cerca de sessenta anos depois da escrita dos primeiros fragmentos de *Quarto de despejo*.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol.16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

A narrativa de Carolina estava, portanto, apenas setenta anos distanciada da extinção da escravidão, o que, conseqüentemente, denota que a autora vivia em um período em que as opressões explicitadas por Gomes e Schwarcz eram muito mais intensas. A própria Carolina, em seu diário, faz referências à escravidão e demonstra surpresa frente ao cerceamento étnico-racial ao qual ainda estava submetida: “E há certos brancos que transforma preto em bode expiatorio. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?” (JESUS, 2018, p. 108).

Conforme é possível observar no texto de *Quarto de despejo*, Carolina sofria preconceito étnico-racial dentro e fora da favela. A discriminação produzida por seus pares do Canindé também se relaciona com a dedicação da autora à leitura e à escrita, atividades desaprovadas por seus vizinhos: “Sentei ao sol para escrever. A filha de Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: - Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não reprendia.” (JESUS, 2018, p. 26). Saber ler e escrever já a separava de muitos de seus pares, e apreciar e se dedicar a tais atividades, ainda mais.

Maria Cristina Cortez Wissenbach, em “Letramento e escolas”, um dos verbetes contidos no *Dicionário da escravidão e liberdade*, examina a leitura e a escrita entre cativos durante a escravidão:

A prática da escrita, quando exercida por escravos e escravas, libertos e libertas, principalmente na atmosfera de sublevações sociais das décadas de 1870 e 1880, não só levantava suspeita, como denotava uma atitude de arrogância, uma vez que, na visão da sociedade hegemônica, pressupunha o uso de um código que se mantinha privilégio exclusivo da elite e que não fazia parte dos atributos pensados para a classe dos escravizados. Vivendo numa sociedade discricionária e racista, dessa arrogância e de ser “negro desavergonhado” era também acusado o escritor Luís Gama quando andava pelas ruas de São Paulo. (WISSENBACH, 2018, n.p).

Considerando o racismo como uma forte marca perpetrada pela escravidão na sociedade brasileira, é possível aproximar a situação vivida por escravizados que sabiam ler e escrever à situação de Carolina, uma mulher também negra e letrada.

Dessa forma, Carolina sofria preconceito duplamente, dentro e fora da favela. Por ser uma mulher negra que ousava escrever, assim como Luís Gama era reprovado nas ruas de São Paulo, ela era vista por seus pares do Canindé como uma negra arrogante e “desavergonhada”, e sua escrita era fortemente repudiada por eles: “eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

portas.” (JESUS, 2018, p. 78). Já fora da favela, sua escrita era considerada “suspeita” e perigosa, razão pela qual, mesmo após diversas tentativas, até mesmo enviando seus manuscritos aos Estados Unidos, conseguiu publicar sua obra apenas depois da iniciativa e legitimação de seu discurso por parte de um homem branco socialmente mais privilegiado que ela.

Gestada em um meio inóspito, a escrita de Carolina, ao mesmo tempo em que é identificada com o cotidiano de privações da favela de que fazia parte, é oriunda de um olhar que parecia conseguir apartar-se brevemente do “quarto de despejo” e observá-lo com algum distanciamento, como no fragmento: “eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2018, p. 32). A perspicácia da análise social da autora identifica-se com sua experiência cultural letrada, o que a afastava de seus pares da favela.

Carolina ocupava uma posição deslocada em sua comunidade. Ainda que compartilhasse da escassez material e de todas as demais agruras da favela com seus vizinhos “do barro”, quase não há menção de solidariedade entre os sujeitos de seu meio. Há, ao contrário, vários registros de atitudes de desaprovação e ataque: “- Negra ordinária! Você não é advogada, não é reporter e se mete em tudo!” (JESUS, 2018, p. 161).

A respeito da relação conflituada entre Carolina e os moradores da favela onde residiu, argumenta Coronel:

O diário de Carolina, ao mesmo tempo em que se cola à realidade adversa, constitui um trampolim para superá-la. Reproduzida em livro, esta realidade incorpora a possibilidade de um projeto de vida e de futuro, excluídos do horizonte de possibilidades dos vizinhos de barraco da mãe de Vera Eunice. Não por acaso a mesma mostra-se no livro tão distinta dos demais favelados. E tão desconsiderada por eles. Essa “distinção” identifica-se com a vivência da cultura em meio a um cotidiano destituído de itens básicos de sobrevivência, como o alimento e o sabão. (CORONEL, 2011, p. 66).

Nessa medida, mesmo antes da publicação de *Quarto de despejo*, na primeira vez em que o nome de Carolina figurou na revista *O Cruzeiro*, sua “vivência da cultura” gerou represálias por parte de seus pares, não apenas moradores da favela como ela, mas também negros como ela: “a jornalista disse que as negrinhas da favela havia me chingado, que eu estava desmoralizando a favela.” (JESUS, 2018, p. 171). Não havia espaço para uma mulher negra e afeita à leitura e à escrita dentro da favela, como explicitou Lalau, vizinho de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

Carolina: “- Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela.” (JESUS, 2018, p. 174).

As restrições enfrentadas pela escritora, como é possível observar, alastravam-se para além da materialidade e, conseqüentemente, também para além dos requisitos elencados por Woolf para que uma mulher pudesse escrever ficção. Ainda assim, Carolina mostrava-se disposta a não abandonar o seu ideal: “Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, 2018, p. 160)

Se não havia lugar para a Carolina-escritora dentro da favela, tampouco havia fora dela, já que a autora era desconsiderada quando tentava fazer com que sua escrita figurasse em outro espaço que não fosse seu diário: “... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta.” (JESUS, 2018, p. 64). Carolina era étnico-racial e socialmente oprimida dentro e fora de sua comunidade e, não à toa, acordou, em plena metade do século XX, sentindo-se escravizada: “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2018, p. 32). Ao mesmo tempo em que era “marginal” com relação aos seus pares do “quarto de despejo”, não era bem-vinda na “sala de visita”.

Por outro lado, se Carolina não tinha direito à resposta quando diante de sujeitos como os diretores do circo que a rejeitaram por ser negra, encontrava espaço de fala no universo linguístico de seu diário e, posteriormente, em leituras que reverberaram em mais de quarenta países, em treze idiomas: “esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.” (JESUS, 2018, p. 64).

Dessa maneira, a escrita de Carolina, longe de eclodir apenas como “porta-voz da favela”, modo redutor como, de acordo com Coronel (2014, p. 277), a maior parte da crítica caracterizou sua primeira obra quando de sua publicação, configura um espaço de voz e de resistência que singulariza uma mulher negra, pobre e moradora da favela, assim como viabilizou a possibilidade de um futuro diferente de sua realidade no Canindé.

Um projeto de vida ancorado na escrita



Em 1928, em sua palestra sobre o tema “Mulheres e a ficção”, Woolf fez um apelo e pediu que suas ouvintes “[...] escrevessem todo tipo de livro, não hesitando diante de nenhum tema, por mais trivial ou vasto que seja.” (2014, p. 153). É impensável que Carolina, que tinha cerca de catorze anos quando da palestra da escritora inglesa, e vivia em um contexto radicalmente diferente daquele em que as jovens – universitárias, e a maioria, senão todas, brancas - que compunham a plateia de Woolf residiam, tivesse ouvido o pedido da autora de *Um teto todo seu*.

Entretanto, ainda que Carolina não tenha escutado Woolf, e que seu meio social não a estimulasse a ler e a escrever, durante sua breve incursão escolar, Dona Lanita, sua professora, deu-lhe um conselho similar ao da escritora inglesa: “seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me incutido por minha professora, dona Lanita, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente.” (JESUS, 2018, p. 195).

Em razão de todas as adversidades enfrentadas, é admirável que Carolina, mulher, negra, pobre, mãe solo de três filhos, moradora de uma favela e que estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental, tenha conseguido acolher e seguir o conselho de Dona Lanita. Nesse sentido, segundo Coronel, no artigo “A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”, apesar das adversidades, Carolina reivindicava seu “direito de sonhar”:

Carolina apresenta-se em suas anotações como uma pessoa cujas necessidades são muito diversificadas. Não há o que servir à mesa, nem sapatos para os meninos irem à escola, nem sabão para o banho, mas ela reivindica o direito de sonhar, de transportar-se para além de sua terrível circunstância concreta de vida. No mesmo sentido, relata que canta e dança com os filhos em busca da alegria possível. (CORONEL, 2014, p. 274)

Ela também fazia essa reivindicação ao acreditar que o livro era a melhor invenção humana e ao insistir em cultivar seu capital cultural, apesar da escassez do material: “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (JESUS, 2018, p. 24).

Quando não estava catando e vendendo objetos, Carolina dividia o escasso tempo de que dispunha com a escrita, que fazia parte de seu cotidiano doméstico: “Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol. 16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

despontar eu fui buscar água.” (JESUS, 2018, p. 21). Embora reunisse seus textos a partir de uma organização diarística, pressupunha leitores e se mostrava consciente com relação ao processo de criação, conforme demonstra o seguinte fragmento metanarrativo: “... Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia.” (JESUS, 2018, p. 125).

Assim, o “amor pela literatura” citado por Carolina transbordou a esfera da apreciação estética e do afeto, e se tornou um plano profissional, com vistas a um futuro diferente: “há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.” (JESUS, 2018, p. 28). Cabe destacar que Carolina, que se reconhece enquanto “poeta” em seu diário, não é autora apenas de *Quarto de despejo*. José Carlos Bom Meihy (1998, p. 89), professor de História e estudioso da obra da autora, junto com sua família, encontrou uma caixa com trinta e sete cadernos, totalizando cinco mil cento e doze páginas nas quais Carolina escreveu poemas, peças teatrais, provérbios, contos e romances, tudo entre lições escolares dos filhos, receitas e contabilidade doméstica. Nenhuma outra obra, porém, experimentou o mesmo alcance de vendas de *Quarto de despejo*.

Em 1960, após a publicação de sua primeira obra, a autora tornou-se famosa repentinamente. Foi fabricada e apagada pela indústria cultural em um curto espaço de tempo. *Quarto de despejo* foi um êxito de vendas, o que possibilitou que ela finalmente pudesse migrar da lama para o asfalto, como tanto desejava. No entanto, ainda que tenha lançado outras obras, após sair da favela, deixou de atrair a atenção curiosa daqueles que a viam quase como um ser exótico e digno de especulação. Foi como se sua escrita, engessada até então enquanto uma “voz da favela”, uma vez abrigada por aposentos de alvenaria, tivesse deixado de ser significativa. Os caminhos e descaminhos vividos por Carolina e suas obras depois da publicação de *Quarto de despejo* constituem tema para outro artigo.²

De qualquer modo, Carolina “[...] fica marcada como um ponto de partida essencial dentro do amplo processo de autoexpressão daqueles que estão à margem do que conhecemos por vida.” (CORONEL, 2011, p. 70). Esquecida e “redescoberta” algumas vezes, dentro e fora

² No texto “Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio”, José Carlos Sebe Bom Meihy aborda o apagamento da obra da autora ao longo do tempo.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>
Vol.16, n. 2 -2020
Dossiê Literatura e Gênero

do Brasil, ao longo dos sessenta anos decorrentes de sua primeira publicação, sua obra segue sendo lida, apreciada e estudada dentro e fora do contexto acadêmico.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 271-289.

CORONEL, Luciana Paiva. Da margem para o centro: a representação do negro em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. In: X Encontro Estadual de História, 2010, Santa Maria. *Anais eletrônicos* [...]. Santa Maria: ANPUH-RS, 2010. n.p. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279485834_ARQUIVO_TextAnp102_final.pdf. Acesso em: 17 jan 2020.

CORONEL, Luciana Paiva. Literatura de periferia e mercado: reflexões acerca do caso Carolina Maria de Jesus, *Ipotesi*, v. 15, nº 2, p. 63-71, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaiptesi/files/2011/05/9-Literatura-de-periferia.pdf>. Acesso em: 15 jan 2019.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 44, p. 271-288, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a13n44.pdf>. Acesso em: 16 jan 2019.

GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo. Disponível em: www.cefetsp.br/edu/eso/cidadania/meihyusp.html. Acesso em: 15 jan 2020.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Livro eletrônico, não paginado.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.